

**COMO ESCOLHER O MELHOR  
CARTÃO DE CRÉDITO**

**MISSION:  
SURVIVAL!**  
mais 12 cartões para jogar

# VISÃO

Nº 293 · 29 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO DE 1998 · 400\$00



## Herman à moda do Porto

Numa cidade  
que está a mexer  
(Cimeira,  
Metro,  
Capital da  
Cultura),  
o rei dos  
humoristas  
chegou, viu  
e venceu



**REPORTAGEM**  
**O 'DOUTOR' NÃO  
VEIO HOJE**

Histórias de um país onde falta assistência médica

**JOSÉ  
CARDOSO PIRES**  
1925-1998

AFONSO PRAÇA

Se, no outro lado onde agora está, tivesse tido a possibilidade de ler os jornais, ouvir as rádios e ver as televisões que à sua morte largamente se referiram, José Cardoso Pires estaria a estas horas mais do que zangado. Talvez não pelo relevo dado (aliás, merecido) ao «infausto acontecimento» (dizer de jornalista, é claro), mas certamente pelos lugares-comuns, pelo vazio do discurso oficial, pelo ar compungido, sacrista e provinciano e também pelo abuso do adjetivo fácil. José Cardoso Pires detestava tudo isto, que era o contrário daquilo que tentou, como escritor e cidadão, durante quase meio século.

Estreou-se em livro em 1949 (*Caminheiros e Outros Contos*, ed. Centro Bibliográfico, capa de Júlio Pomar), viveu até ao fim «agarrado à escrita, sempre com o mesmo ódio aos adjetivos», como confessou em Dezembro de 1997, ao receber o Prémio Pessoa. Era um escritor de substantivos, praticava, como disse António Lobo Antunes, também romancista e seu grande amigo, uma «escrita no osso», mas ninguém será capaz de negar razão a Óscar Lopes quando lhe chamou «o poeta da ficção portuguesa».

Era lento a escrever: em quase meio século de vida literária, publicou 18 títulos – romances, contos, crónicas, ensaio e teatro. A lentidão resultava, em parte, de uma exigência invulgar. Cada um dos seus romances conheceu várias versões: quatro no caso de *O Delfim*, considerado, tal como *Balada da Praia dos Cães*, uma obra-prima. Este último (Edições O Jornal, 1982, Grande Prémio do Romance e da Novela da APE) conheceu três versões, duas delas totalmente diferentes, personagens incluídas. Concluída a primeira versão, Cardoso Pires descobre que há duas personagens com as quais não se dá bem. Não hesitou: pegou no papel (era exigentíssimo na escolha do papel, que só comprava nas boas papelarias) e na caneta e voltou tudo ao princípio. Este é um caso. Mas tal como ele não se dava bem com algumas personagens, também aconteceu haver outras que, com o desenvolvimento da história, deixavam de gostar dele.

**OFÍCIO DELICADO**

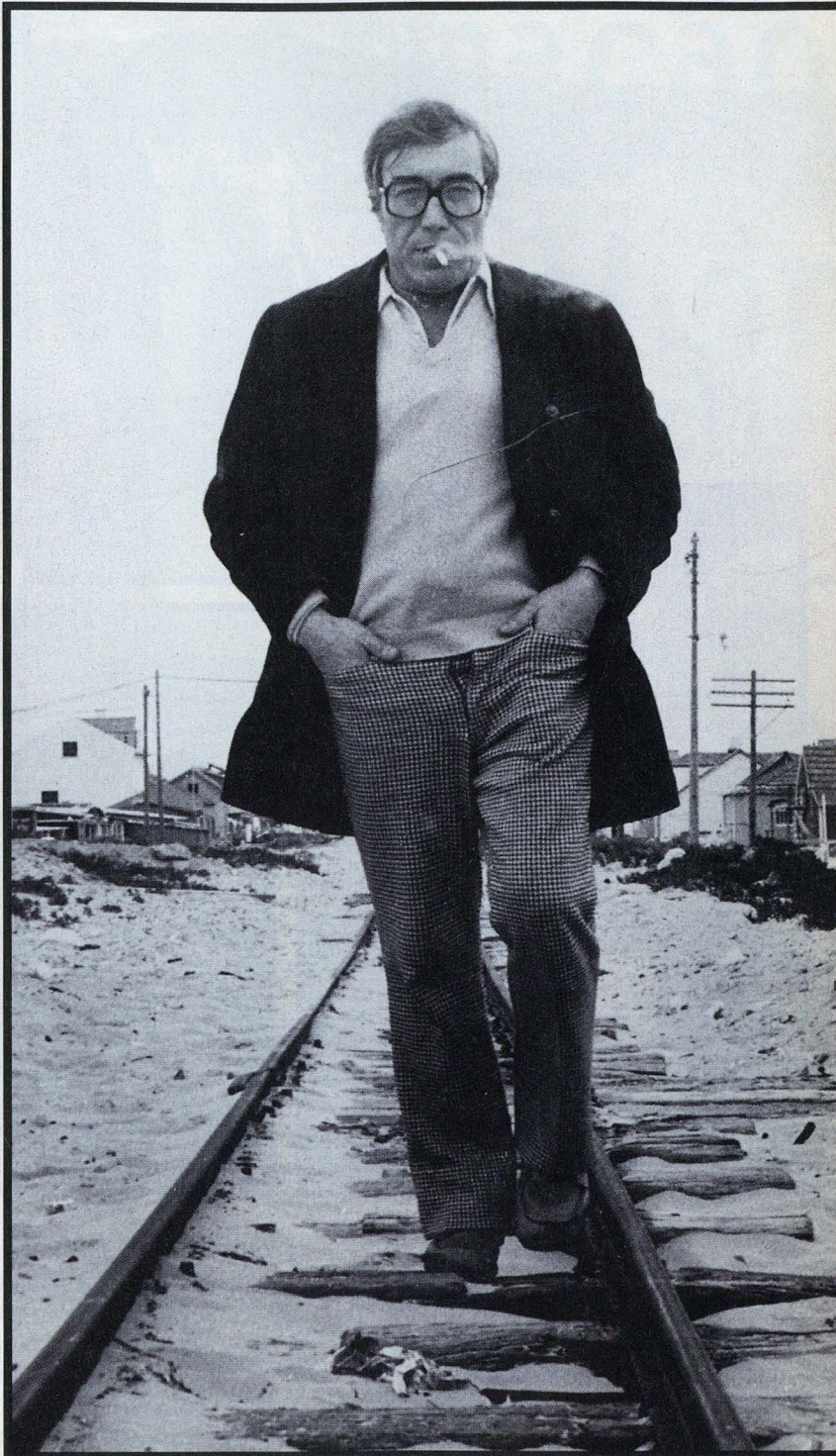
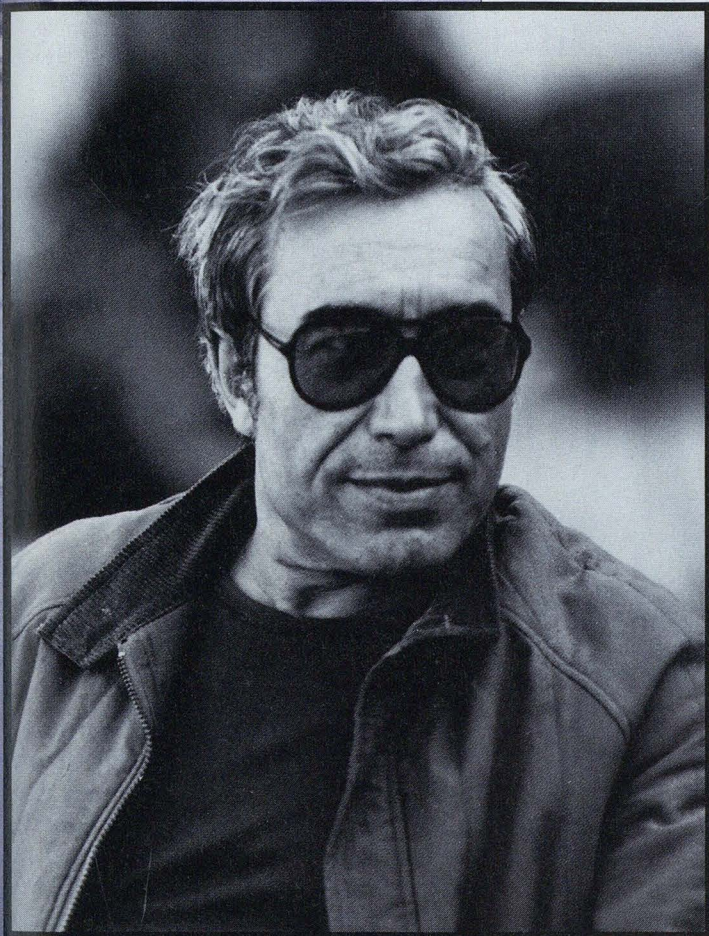
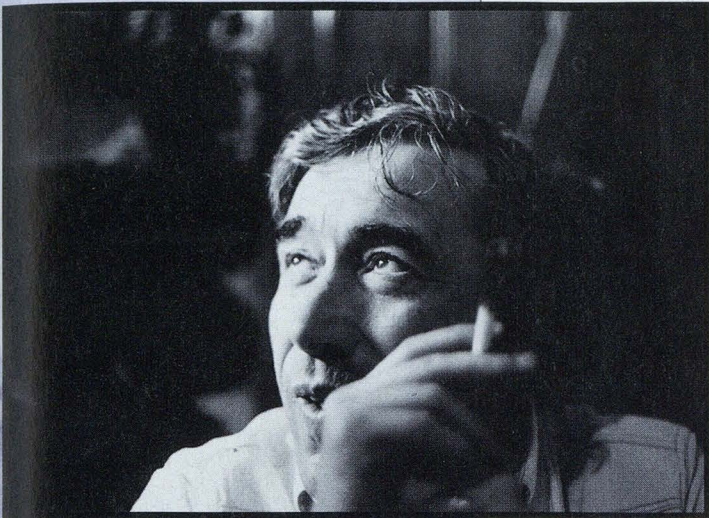
Exigência, já se disse. Falta acrescentar que esta exigência de rigor a exercia desde logo em relação à língua. «Temos palavras a mais para esconderem ideias a menos», costumava dizer aos amigos, quan-

**JOSÉ CARDOSO PIRES**

# CINQUENTA ANOS DE SOLIDÃO

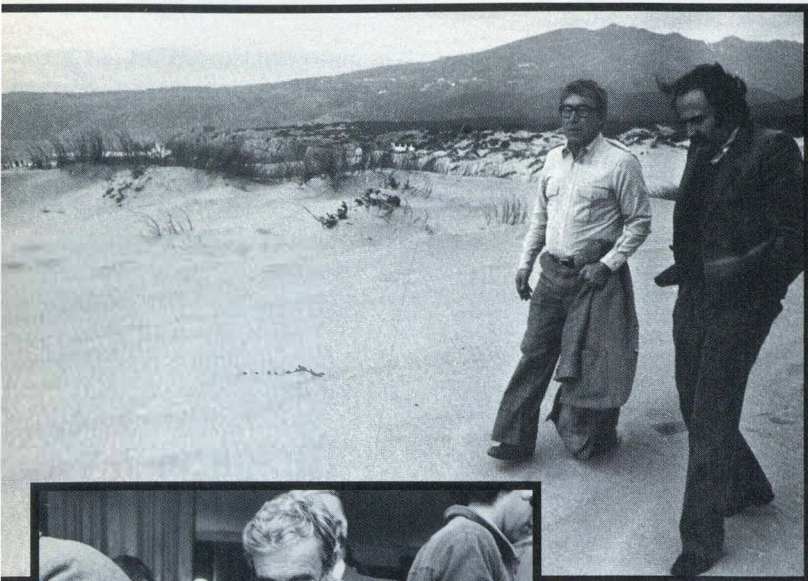
Estudou Matemática, mas cedo mandou o curso às malvas. A pressa de viver levou-o depois a vários empregos e acabou por escolher um ofício de solidão, que lhe foi meio de ganhar a vida e fonte de tortura: contador de histórias. Morreu em 26 de Outubro, pelas duas e meia da madrugada, e tinha 73 anos



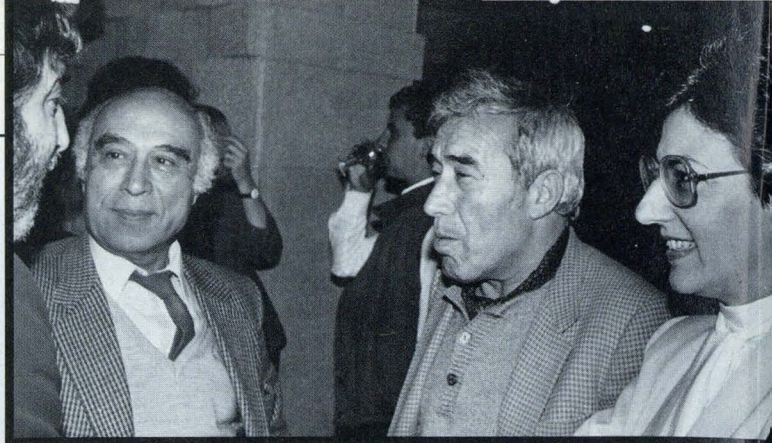


do se falava de literatura ou de jornais. E, uma vez, confessou numa entrevista: «Uma das coisas que, a mim, mais me agradam e que eu gostaria de fazer era corromper o mais possível a língua. A primeira condição para escrever bem é saber gramática, a segunda é esquecê-la. Em tudo quanto se ama há o desejo de corromper. Corromper no bom sentido, de estragar descobrindo.» E acrescentou logo a seguir: «Tudo quanto eu escrevi está muito longe disto e ainda tenho esperanças de conseguir.»

Estávamos então em 1994, mês de Junho, tinha saído o livro de crônicas *A Cavalinho no Diabo*, levava o escritor 45 anos de ofício e continuava vigilante, a policiar com rigor as palavras que lhe saíam da caneta. «Escrevo com dificuldade, penso muito com o bico do aparo», justificava-se aos que lhe recordavam a lentidão. Considerando que o ofício de contar histórias é «delicado», via na escrita três objectivos essenciais: procura da identidade consigo próprio, com a língua e com o País. Quando estava a escrever fe- ▶



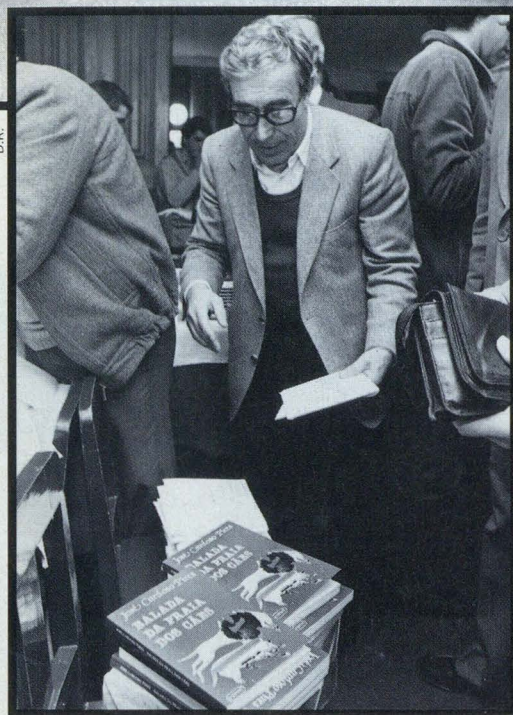
JOAQUIM LOBO



D.R.



D.R.



**ENTRE AMIGOS**

Da esquerda para a direita, no sentido dos ponteiros do relógio: com António Mega Ferreira na praia do Guincho, poucos dias antes do lançamento de *Balada da Praia dos Cães*, em 1982; com Assis Pacheco, Fernando Namora e Teolinda Gersão, em 1985; com António Alçada Baptista e Natália Correia, numa sessão da Comissão de Honra do MASP (Movimento de Apoio a Soares à Presidência), em 1990; num debate com José Carlos de Vasconcelos, em 1984, a propósito do livro de cartoons de João Abel Manta, *Caricaturas Portuguesas dos Anos de Salazar*; e, finalmente, numa sessão de autógrafos de *Balada da Praia dos Cães*, livro com o qual ganhou o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores

► **CINQUENTA ANOS DE SOLIDÃO**

chava-se na concha. Não transmitia a ninguém projectos literários e nem aos maiores amigos mostrava o que já tinha escrito. Explicava: «Escrever é uma prova de solidão. A solidão é-me indispensável para trabalhar, e além disso escrevo devagar. Escrever é um movimento constante de destruição e de recriação. Nada se cria sem destruir e nada se exalta sem agradecer.»

**LISBOETA DA BEIRA BAIXA**

Lisboeta dos quatro costados, já se viu – apesar de ter nascido na Beira Baixa. Pegando nas biografias oficiais, temos o que se segue.

José Augusto Neves Cardoso Pires nasceu em 2 de Outubro de 1925 na aldeia de Peso, Castelo Branco, filho de José An-

tónio Neves, oficial da Marinha Mercante, e de D. Maria Sofia Cardoso Pires Neves. Teve uma irmã, Lurdes, que é médica, e um irmão, António Nuno, morto ainda jovem, num acidente com um avião da Força Aérea.

Por esse tempo, a família já vivia em Lisboa, o que o levou a dizer mais tarde, com o humor corrosivo por detrás do qual se escondia em certas ocasiões: «A minha mãe era como os salmões, subia o rio para desovar. Foi assim que eu fui nascer ao Peso. Quando me trouxeram para Lisboa, veio em 3.ª classe, porque era agarradíssima, e o meu pai também, mas ele com bilhete de 1.ª, como competia a um oficial da Marinha.»

Peso passou a ser palavra para bilhete de identidade e pouco mais. Ainda de meses, já estava em Lisboa, na casa que era propriedade do pai, no bairro de Arroios,

porta n.º 7 da Rua Carlos José Barreiros. Em frente, no n.º 8, vieram viver os Fonssecas. Com um deles – Manuel, que acabou por ser o escritor Manuel da Fonseca – havia de fazer amizade, nascida ali no bairro e desenvolvida à volta dos bilhares da Cervejaria Portugália e nos cafés da Almirante Reis. O território que podemos definir como Entre Arroios-e-Socorro.

Frequentou a escola da Câmara do Largo do Leão. Seguiram-se os liceus Gil Vicente e Camões, onde teve como professores Câmara Reys, Luís de Matos e um tal Rómulo de Carvalho, que nos anos 50 se revelaria como poeta com o pseudónimo de António Gedeão. Concluído o liceu, matriculou-se na Faculdade de Ciências, curso de Matemáticas Superiores, mas não aqueceu a carteira. Ainda no liceu começara a interessar-se por política, o que lhe abriu horizontes e lhe proporcionou ►

## ► CINQUENTA ANOS DE SOLIDÃO

novos amigos, para lá das fronteiras do seu bairro. «Desde miúdo, até aos meus 24 ou 25 anos, levei uma vida dupla. Sentia-me melhor com os indivíduos fora de lei e fora da classe do que com os meninos do Liceu Camões e da universidade. Evidentemente, o que me ajudou bastante foram as relações políticas.»

Reparou então que o apelo da vida prática era mais forte do que tudo o resto. A escrita começara a interessá-lo ainda no liceu, mas a literatura não era tudo. Aos 18 anos saiu de casa e foi viver num quarto com uma rapariga que era empregada n'O Último Figurino. Recorda em Junho de 1994, no *Público*: «Foi das melhores experiências que eu tive, porque aquela mulher enganou-me até ao fim, dizia-me que tinha 19 anos e tinha 15 ou 16. Era uma mulher com experiência, de maneira que aprendi muito com ela.»

Curso abandonado, seguiram-se vários empregos, quase sempre para ganhar a vida. Praticante de piloto na Marinha Mercante, sem perceber nada de navegação, viu-se embarcado no cargueiro *Sofala*, que levava tropas para Timor. Acabou por «desertar» em Lourenço Marques,

D.R.



### O BOÉMIO

«Desde miúdo, até aos meus 24 ou 25 anos, levei uma vida dupla. Sentia-me melhor com os indivíduos fora de lei e fora da classe do que com os meninos do Liceu Camões e da universidade.»

onde, no regresso, o comandante Gustavo Peixe o repescou, como se nada se tivesse passado e o jovem candidato a marinheiro fosse um modelo de virtudes. Nos anos seguintes, foi também correspondente comercial, angariador de publi-

cidade, agente de vendas, tradutor, editor, intérprete e jornalista.

### PERFIL DE JORNALISTA

Verdade ou não, aí pelo fim dos anos 60 José Cardoso Pires tinha uma péssima imagem dos jornalistas, que não escondia. Pior do que isso, sempre que tinha uma oportunidade (nos bares, de que foi sempre assíduo e imoderado frequentador, nos restaurantes, nas tertúlias de café), era agressivo, tendo chegado a proclamar, em 1969: «O jornalismo português é praticamente inexistente.»

Vai-se a ver, ele tinha uma pedra no sapato. Ainda nos anos 40, quando percebeu que o curso de Matemática estava por um fio, rumou para o Bairro Alto, decidido a ir bater à porta do gabinete de Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*. Como Joaquim Manso era seu padrinho (e cunhado do pai, que estivera casado em primeiras núpcias com uma sua irmã), Cardoso Pires pensou, ao subir as escadas do velho edifício da Rua Luz Soriano, que tinha resolvido o problema do emprego. Enganou-se redondamente. Joaquim Manso ouviu-lhe os argumentos e o pedido, e deu-lhe friamente com os pés: «Jornais? Deixe-se de aventuras, meu amigo. O jornalismo é uma troca de favores.»

Ficou o resto da vida a ouvir esta da troca de favores. Vingou-se passados 30 anos, quando entrou para o mesmo *Diário de Lisboa*, como director-adjunto, como se verá.

Conta Luiz Pacheco que José Car- ►

## UM RAPAZ DE LISBOA

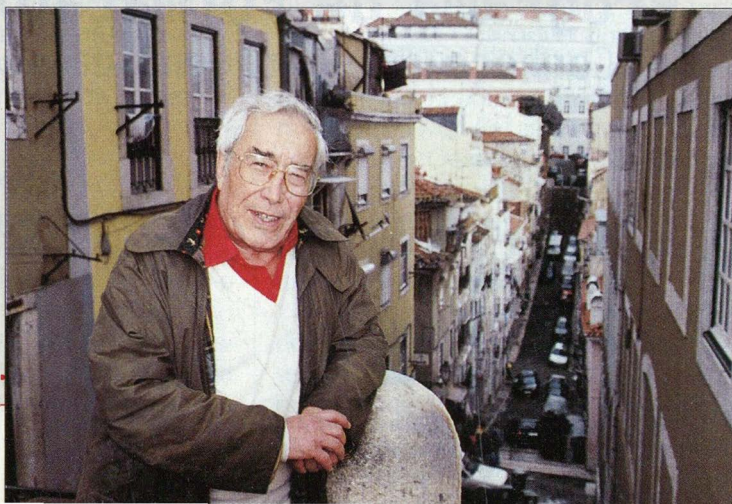
José Cardoso Pires gostava tanto de Lisboa que chegou a dizer que tinha nascido nesta cidade: «Eu tive a sorte de nascer no bairro de Arroios, um bairro popular.» Se calhar, quando falava de Arroios como terra natal, estava mesmo convencido disso: o bairro povoou-lhe a infância e a juventude, mas basta ver o bilhete de identidade para concluir que nasceu em Peso, Castelo Branco, Beira Baixa.

Bilhete de identidade à parte, a verdade é que José Cardoso Pires era lisboeta dos pés a cabeça. Conhecia a cidade como ninguém, bateu ruas e calçadas, bares e cafés a todas as horas do dia e da noite, adolescente com a barba a des-

pontar, era já um verdadeiro rapaz de Lisboa — nas virtudes, nos vícios, na linguagem. Anos passados, sobre a sua cidade escreveu centenas de páginas belíssimas, e para o confirmar basta ler as crónicas de *A Cavalo no Diabo* (1994) ou *Lisboa Livro de Bordo - Vozes, Olhares, Memorações*. Este, saído em 1997, numa edição da Dom Quixote e da Expo'98, é o último livro do escritor. «É um livro de amor como não conheço outro», escreveu Óscar Lopes. «De amor por uma cidade, de que só se fala por dentro, sem um panorama, com subtítulos sempre inesperados e sempre oportunos.»

### BEIRÃO NO BI, LISBOETA NO CORAÇÃO

«Tive a sorte de nascer no Bairro de Arroios», chegou a dizer, tanto gostava da cidade



JOÃO RIBEIRO

► CINQUENTA ANOS DE SOLIDÃO

dosos Pires se estreou num jornal de estudantes do Liceu Camões, *O Pinguim*, onde aos 13 anos publicou *As Aventuras do Mosquito Zigue-Zague*. Colaborou depois num quinzenário de Paulo de Macedo, *Cidade dos Rapazes*, n' *O Globo* e na revista *Afinidades*, do Instituto Francês.

Anos mais tarde, chefiou a redacção da *Eva*, a revista de Carolina Homem Cristo, que se tornou conhecida sobretudo pelo seu número de Natal, e esteve na fundação do *Almanaque*, a convite do editor Joaquim Figueiredo Magalhães, da Ulisseia. Muda-se entretanto para o *Diário de Lisboa*, como coordenador do suplemento literário das quintas-feiras e, em 1969, cria *A Mosca*, um suplemento de humor e crítica que saía aos sábados, e no qual colaboravam, entre outros, Luís Sttau Monteiro, Fernando Assis Pacheco, Pedro Alvim e Joaquim Letria. Até que, pouco depois do 25 de Abril, aceitou o convite do director, António Pedro Ruella Ramos, para ser o «número 2» do jornal, aliás «número 1», em termos de direcção intelectual. Dirigiu o prestigiado vespertino de 21 de Setembro de 1974 até 31 de Dezembro de 1975, ou seja, 467 dias ao todo. Nada mau para quem, no entender de Joaquim Manso, não tinha perfil de jornalista.

**MAU PERDER E MAU FEITIO**

Perguntado um dia se vivia «bem», isto no sentido de se sintonizado com o seu tempo e com o País e em paz com as pessoas, respondeu que não. Poucos dias depois da morte do seu grande amigo Fernando Assis Pacheco, em Novembro de 1995, fez um depoimento muito breve, repassado de tristeza e de raiva: «Estou chateado... A verdade é que tenho muito mau perder.»

Era verdade. José Cardoso Pires tinha muito mau perder e seria tudo menos de feitio fácil, o que ele próprio reconhecia e é confirmado numa história exemplar. O escritor era casado com Edite Pereira, irmã do escultor Vasco da Conceição, em cujo atelier a conheceu. Uma tarde, quando Júlio Pomar retratava Cardoso Pires, entrou Edite. «Olha, parece um esquilo!», disse Pomar. Cardoso Pires topou, achou boa essa do esquilo. A mãe, D. Maria Sofia, ainda avisou a futura nora de que o filho era um homem difícil: «Menina, não lhe dou os parabéns...» Edite ouviu, disse que sim mas que também. O casamento, de que nasceram duas filhas, Ana e Rita, durou mais de 40 anos. Para José, Edite passou a ser *Esquilo* para sempre. ■



**ÚLTIMOS ANOS**

**Valsa final**

Primeiro, dançou com ela num passo lento, entre gargalhadas e fantasmas brancos. Quando a morte veio, José Cardoso Pires deve ter-lhe sorriso com meia cara

FILIPA MELO

O anjo sobrevoou a cidade às 2 e 30 da madrugada do dia 26. «Era louro e de asas vermelhas e tinha um belo rosto triangular em nada semelhante ao dos querubins de igreja. Planou em lentas e tranquilas curvas por cima dos arranha-céus e das praias que contornavam a cidade, percorrendo-os com a sua sombra.» Foi escrito: José Cardoso Pires morreu.

E quando o sol se levantou, tal como ele o descreveu em *Alexandra Alpha*, inundou Lisboa com a sua luz branca, numa homenagem ao seu amante, o escrevinhador das suas ruas, praças e becos, dos gestos e falas das suas gentes, da sua alma. Ouviam-se ainda no ar as risadas pequenas que o escritor soltava inesperadamente no meio dos solavancos de uma conversa, a voz cava, o pestanejar dos olhos a acompanhar o movimento largo dos braços.

Mas a morte já o levava. Tinha-se-lhe

anunciado antes, a 12 de Janeiro de 1995, quando ele chegou ao Hospital de Santa Maria, vítima de um primeiro acidente vascular cerebral que, durante oito dias, lhe roubaria a memória e a capacidade de comunicar. Então, haviam-se batido num duelo sem tréguas, descrito mais tarde no livro *De Profundis, Valsa Lenta*, publicado em 1997. Ele chamara-lhe «branca e amável», rira com ela, abraçara-a numa valsa, fazendo figas atrás da sua cintura e encontrando-lhe humor, «vista à distância». Ela esperou, atenta. Há quatro meses, iniciou a vingança, levando-o para um coma profundo do qual o escritor já não conseguiria sair. E ficou no ar uma frase dele: «A morte faz parte do cerco da vida.»

**VIVER, UMA PAIXÃO**

Numa tarde perdida em 1996, José Cardoso Pires disse-me, no escritório da sua casa de Lisboa: «Não há imortalidade. Morremos e morre tudo, não existe mais nada.»

Não queria fazer balanços de vida – «também não me convinha fazê-los...» Saliava apenas que após sair do hospital, numa manhã de Inverno de 1995, a vida lhe parecera mais bela do que nunca. «O mundo era uma coisa espantosa, as cores tinham mudado... Não sei se era Primavera ou se fui eu que a fiz... Apenas noutra momento da minha vida (com a minha mulher, antes de casarmos) me senti tão agradecido por estar vivo.»



**COM A MULHER, EDITE**

Para ele, ela era «esquilo»

Gostava de conversar, do seu inseparável duo de whisky e água, dos cigarros, das noites longas a deambular por Lisboa, do mar da Costa da Caparica, em frente do apartamento que era o seu refúgio. Gostava da vida, com fúria e pressa. Gostava também de dizer que era agnóstico, mas que tinha «uma biografia das [suas] relações com a Igreja».

Católico praticante até aos 15 anos – «a minha mãe era uma católica fervorosa e, por isso, fui criado numa igreja um pouco de campanário: aliás de onde saíram muitos agentes da Pide...» –, não deixou de afirmar que a sua primeira vitória sobre a morte foi «um milagre». Perante isto, tinha duas opções: «Ou ia a Fátima de joelhos ou agradecia aos médicos.» Escolheu a segunda.

Disse também que sentia medo da morte – «não pela falta que posso fazer cá, mas pelas dores ou pela humilhação». Ela «apanhara-o» pela primeira vez numa «fase muito boa, inesperada aos 69 anos». O medo, porém, nunca o levaria até «essas conversões por desespero e desesperança». A Igreja já não era para ele senão «uma entidade desmistificada, uma força social». Cardoso Pires acreditava apenas na vida, nas histórias – que contava como ninguém –, na sua vontade férrea de «descobrir prazeres, e de descobrir que todos os dias os perdemos, mas que estamos já a descobrir outros».

**A IRONIA, UM SEGREDO**

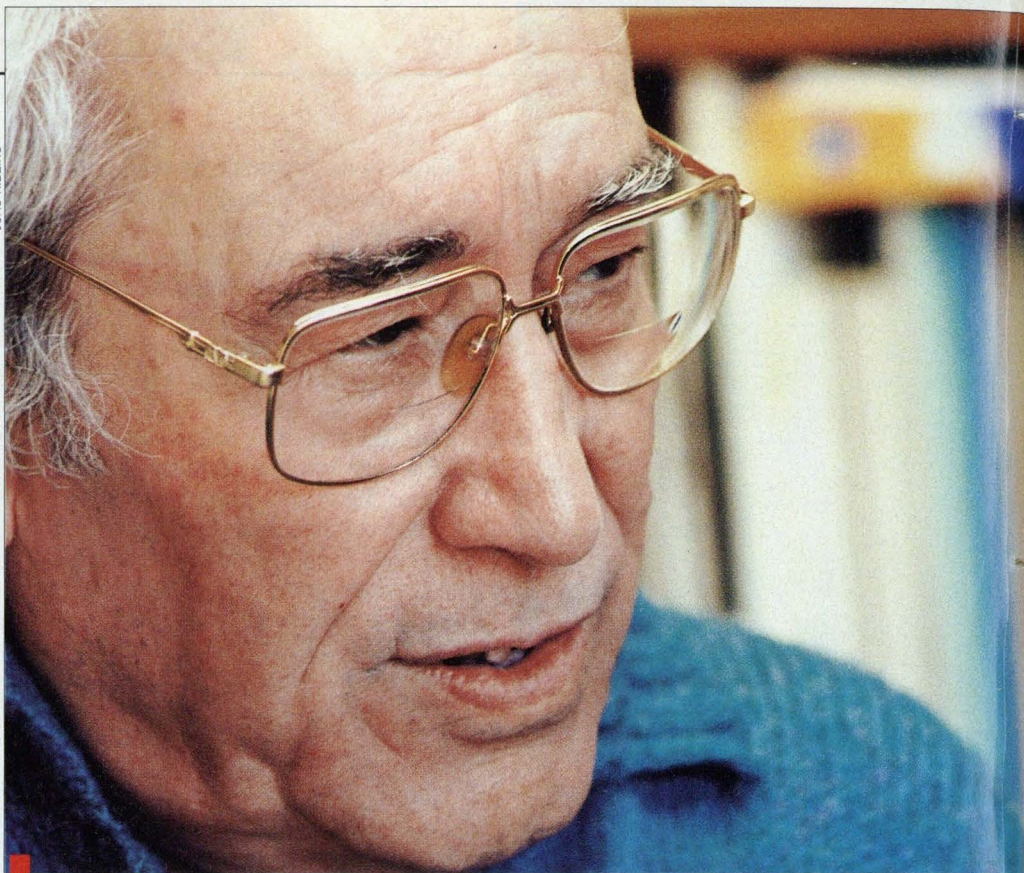
Após o acidente vascular cerebral de 1995, o escritor rodeou-se de livros so-

## ► VALSA FINAL

bre a morte. Sublinhou com cuidado o volume *How We Die*, contendo reflexões sobre a experiência de *near-death experience* recolhidas por Sherwin B. Nuland, professor de Cirurgia e História da Medicina na Universidade de Yale. Deslumbrou-se pela Ciência – «de um modo quase infantil, quase idiota» – e por médicos que, como João Lobo Antunes, o neurocirurgião que acompanhara o seu caso, «são grandes na sua profissão, estão ligados à humanidade e ao coração e, ao mesmo tempo, têm um humor criativo». E começou a escrever.

«Escrevi primeiro um livro que era três vezes maior do que este [*De Profundis*], um romance sobre um tipo que perde a memória e foge do hospital sem dar por isso. Quando foge, vem-lhe a memória outra vez, mas ele não tem referências, está numa cidade desconhecida e tem de refazer a sua vida do início ao fim.» O texto, tal como todos os seus outros escritos não publicados, parece ter tomado o rumo do lixo.

*De Profundis*, *Valsa Lenta* ocupou o seu lugar. Através dele, Cardoso Pires des-

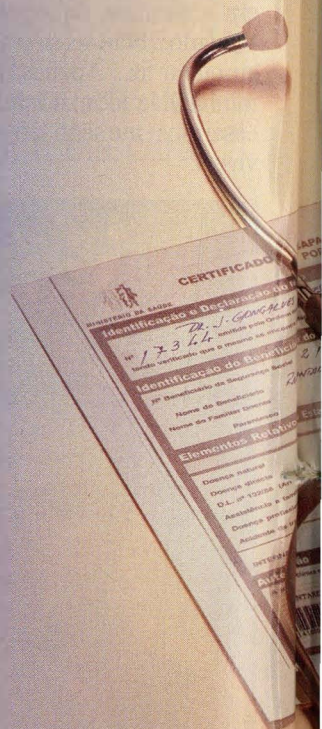


JOÃO RIBEIRO

MAIO DE 1997

Nesta altura, vivia o encantamento da vitória sobre o fim, «como se estivesse bêbado, imensamente grato a um mundo que me parece absolutamente maravilhoso»

Até agora, meter baixa implicava 3 impressos e muita burocracia.

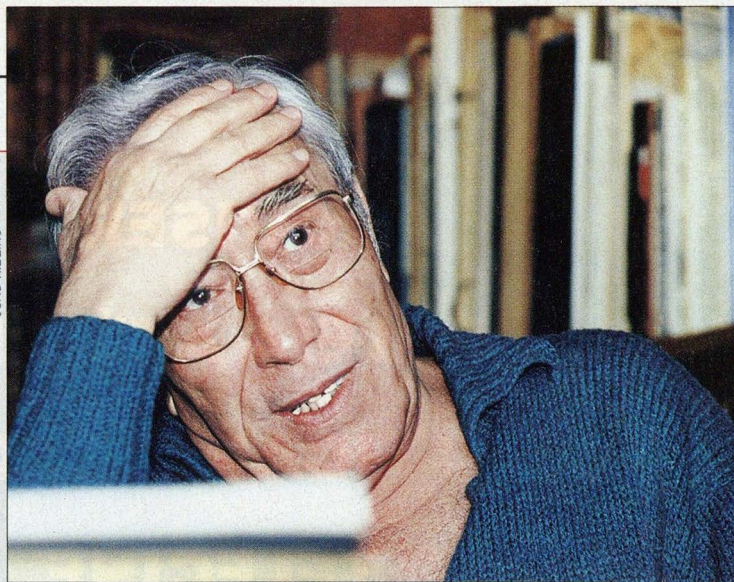


A partir de 1 de Novembro, basta 1 impresso que o médico assina e o doente envia à Segurança Social. Simples e eficaz

## UMA MORTE BRANCA

O pesadelo começou num dia do Inverno de 1994. Após «uma viagem solitária de dez horas ao volante desde Burgos até Lisboa» e «um jantar tardio com Antônio Tabucchi e Marcello Mastroianni no restaurante Comida d'Urso», José Cardoso Pires adormece ao volante. Choca, às 3 da manhã, no alto do lisboeta Parque Eduardo VII, com a viatura conduzida por um pianista do Casino Estoril. Entra nos cuidados intensivos do Hospital Santa Maria com três costelas cravadas na pleura. Semanas depois, tem alta e sente um «imenso agradecimento por sair vivo de um acidente onde podia ter-se tornado um assassino».

A 12 de Janeiro de 1995, a sombra anuncia-se de novo, desta vez com uma pergunta de cartilha, feita pela sua mulher, Edite: «Como te chamas?» E José a responder: «Parece que é Cardoso Pires.» Internado de urgência em Santa Maria, é-lhe diagnosticado um acidente vascular cerebral (AVC). Mas o organismo reage e vence a batalha. A pouco e pouco, o escritor regressa aos prazeres da vida. Volta



JOSÉ RIBEIRO

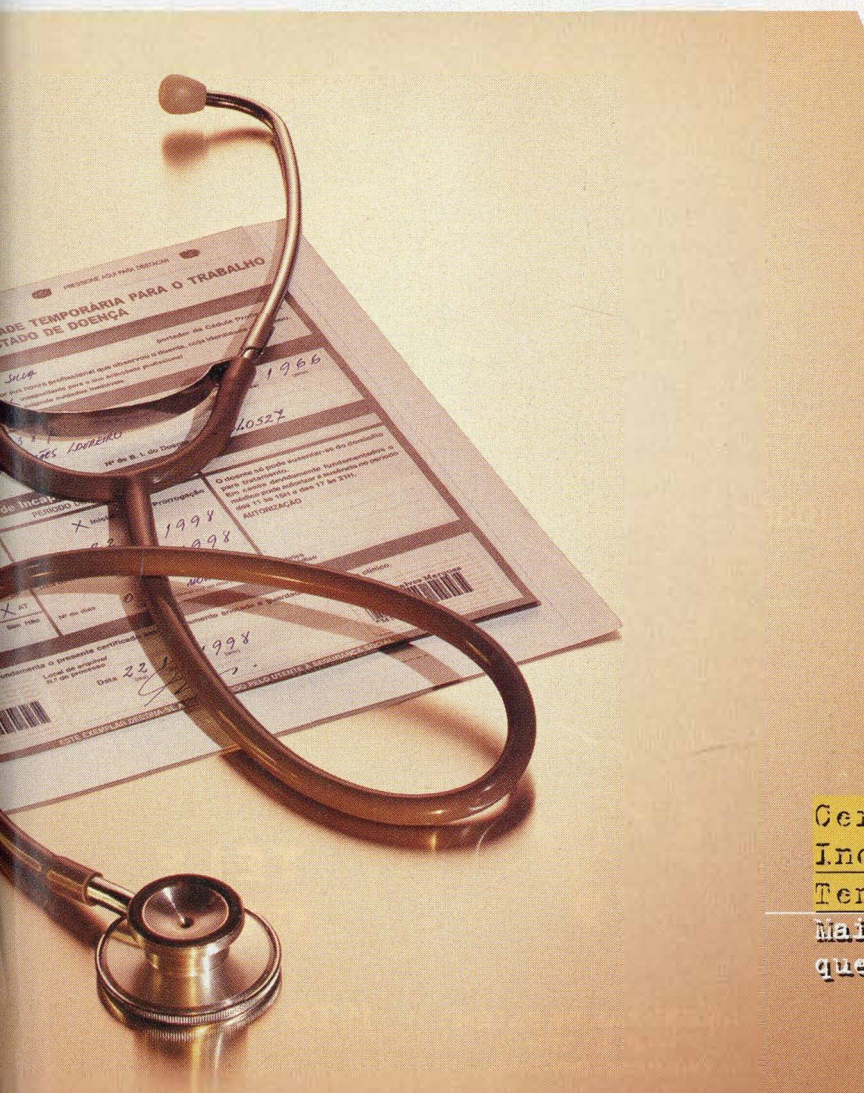
a beber o seu whisky e a fumar os seus cigarros, está presente na Feira do Livro de Frankfurt de 1997, da qual Portugal é país-tema. Nesse mesmo ano, é-lhe atribuído o Prémio Pessoa.

Em Abril de 1998, o escritor sofre novo acidente vascular cerebral, em consequência do qual é internado durante cerca de um mês, de novo em Santa Maria. Entretanto, são-lhe atribuídos os prémios D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus, Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores, e

o Prémio da Crítica, do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários. No dia 2 Julho, recebe este último em casa, numa cerimónia privada. A 8 desse mês, durante o almoço, engasga-se, tem novo AVC, fica demasiado tempo sem respirar. É de imediato internado no Serviço Neurológico do Hospital de Santa Maria, onde entra num estado de coma profundo do qual não voltará a sair, embora tenha entretanto recuperado a respiração espontânea.

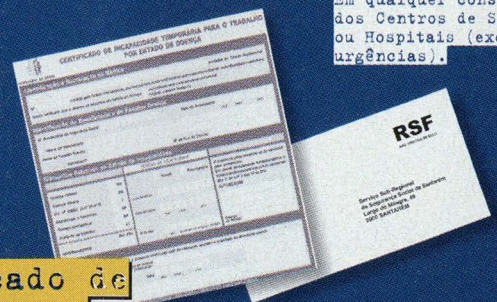
### O AUTOR DE 'DE PROFUNDIS, VALSA LENTA'

O último prémio, o de Vida Literária da APE, foi recebido em casa



O Certificado de Incapacidade Temporária (CIT) substitui os boletins de baixa, alta e internamento hospitalar. Um único documento que pode ser emitido em qualquer consulta dos centros de saúde (incluindo o atendimento permanente) ou nos hospitais públicos (excepto urgências). Alarga-se assim o número de médicos e estabelecimentos com competência para certificar a incapacidade, que até agora era da exclusiva responsabilidade dos médicos de família. Por outro lado, passa a ser o beneficiário quem envia o CIT à Segurança Social, tornando o processo mais rápido. Basta dobrar e colar o original do CIT (o duplicado fica na posse do beneficiário e o triplicado é entregue por ele à entidade patronal) e metê-lo no correio (não precisa de envelope nem selo). Quanto mais depressa o fizer, mais depressa recebe o subsídio de doença.

Em qualquer consulta dos Centros de Saúde ou Hospitais (excepto urgências).



**Certificado de Incapacidade Temporária.**

Mais fácil e só para quem precisa.





## ► VALSA FINAL

cobriu «a ironia da morte». E falava do caso de um condenado à pena capital nos EUA que antes de ser levado para o local da execução parou a leitura de um livro e dobrou o canto da página onde ficara. Ou do escritor Bertrand Russel Baker, que contou como um dia a avó lhe telefonara e dissera: «É só para saber se vais ao meu funeral hoje à tarde.» Chamava-lhes «maravilhas de humor negro». E ria, ria muito.

Depois parava e exclamava: «A morte é um dos maiores negócios do mundo. Eu não o quero servir.» Mudava de conversa, falava da sua cidade, a que motivou o seu último livro, *Lisboa, Livro de Bordo*. Vivia ainda o encantamento da vitória sobre o fim, «como se estivesse bêbado, imensamente grato a um mundo que me parece



GONCALO ROSA DA SILVA

absolutamente maravilhoso». Durante o mês seguinte à saída do hospital, mudara a sua vida, «para melhor». Depois, «tudo voltou ao normal». Tratara-se apenas, dizia, «de um desmaio súbito, de um sono misterioso».

Mais do que o comum dos outros mortais, José Cardoso Pires reflectiu muito sobre o fim, tomou-o como presença nos seus livros, venceu-o uma vez, dissecou-o ao pormenor. Na madrugada do último dia 26, ironia das ironias, a morte perguntou-lhe, utilizando uma das suas expressões lapidares, tomada de Drummond: «E agora, José?» ■

## MARÇO DE 1998

Um mês depois, o escritor sofreria o segundo acidente vascular cerebral